

PROJETO “CAMINHO DAS ÁGUAS PARA A SUSTENTABILIDADE: ELABORAÇÃO
PARTICIPATIVA DO PLANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO CBH-SM”
FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DA
SERRA DA MANTIQUEIRA

ANDRÉ CERVENY

TERRA BRASIL
AGROECOLOGIA PARA FUTUROS POSSÍVEIS

SANTO ANTÔNIO DO PINHAL, SP, 2025

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
APROFUNDAMENTO TEÓRICO	2
DESENVOLVIMENTO	5
PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE E DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS	6
CONSIDERAÇÕES FINAIS	8
REFERÊNCIAS	9
APÊNDICE	13

INTRODUÇÃO

A temática escolhida para o trabalho foi a agroecologia. Entendendo que um dos eixos centrais da educação ambiental deve ser a problematização do modelo agroalimentar vigente, e que isso deve partir de uma perspectiva crítica, apontando soluções e caminhos alternativos, foi elaborado um panfleto educativo com o tema da agroecologia. O panfleto tem por objetivo levantar o debate sobre o assunto na região, sobretudo com o público jovem, fazendo um contraponto ao discurso hegemônico. No Brasil o tema da agroecologia é ainda mais urgente, pois sabemos que a sociedade brasileira tem suas raízes na concentração de terras, na escravidão e na agricultura para exportação, e que o agronegócio contemporâneo é o herdeiro de tais relações de produção, mantendo por um lado uma relação predatória com a biodiversidade, os solos, as populações tradicionais e camponesas, e com os recursos hídricos, e por outro, uma relação de dependência econômica com os países centrais do capitalismo.

APROFUNDAMENTO TEÓRICO

Educação ambiental crítica como base

O projeto foi concebido no entrelaçamento entre educação ambiental, educomunicação e ativismo socioambiental, tendo como objeto a agroecologia desde uma perspectiva crítica. Ou seja, diferentemente da educação ambiental conservacionista – que individualiza a crise e oferece soluções técnicas dentro do mesmo modelo que a produz –, este trabalho assume uma perspectiva crítica que problematiza as relações de poder e aponta a agroecologia como projeto político de transformação social.



Para falar de agroecologia é preciso primeiro entender o contexto em que ela se insere. Por isso Terra Brasil busca situar a agroecologia na realidade brasileira, introduzindo a questão agrária e fundiária no país e o papel do agronegócio, para então abordar a agroecologia como uma ferramenta para a transformação dessa realidade.

Agroecologia como ciência, prática e movimento

A agroecologia não se reduz a um conjunto de técnicas agrícolas alternativas. Ela é um campo do conhecimento e uma prática social complexa que se constitui a partir de três dimensões indissociáveis: a ciência, a prática e o movimento político. Compreender essa tríade é fundamental para diferenciá-la radicalmente do modelo do agronegócio e até de outras formas de agricultura "limpa" despolitizadas.

A agroecologia é uma ciência transdisciplinar que parte do princípio de que os sistemas agrícolas devem ser compreendidos como ecossistemas, imitando e potencializando os processos naturais. Aqui, a contribuição de Ana Maria Primavesi é fundamental. Sua obra ensina a "ler" a vida do solo, entendendo que a saúde das plantas depende da complexa rede de microorganismos, fungos e matéria orgânica, e não da mera aplicação de insumos externos. É uma ciência que estuda as relações – entre plantas, insetos, microorganismos, solos etc – e não apenas os componentes isolados.

A agroecologia se torna uma prática concreta quando a ciência se traduz no vasto repertório de técnicas que promovem a autonomia dos agricultores em relação aos pacotes tecnológicos convencionais. Plantios consorciados, manejo biológico de pragas e doenças, adubação verde e compostagem são algumas das técnicas que compõem a prática agroecológica.



A agroecologia também se distingue de uma mera agricultura ecológica para nichos de mercado. Ela é sobretudo um movimento político de transformação social que entende que a crise ambiental é resultado de um modelo econômico baseado na exploração ilimitada da natureza e do trabalho. A agroecologia é incompatível com a concentração fundiária. Ela exige acesso à terra para quem nela quer trabalhar e viver, sendo uma bandeira central de movimentos pela Reforma Agrária Popular. O movimento agroecológico luta não só por um pedaço de terra, mas pelo território – incluindo água, sementes, biodiversidade e cultura.

Portanto, a agroecologia é ciência porque oferece um marco teórico ecológico e crítico; é prática porque materializa esse conhecimento em técnicas de manejo regenerativo; e é movimento porque organiza a luta política por um projeto alternativo de sociedade, baseado na justiça social e ambiental. Separar essas dimensões é esvaziar seu potencial transformador. O zine 'Terra Brasil' busca refletir essa integralidade, ao situar a agroecologia não como um nicho de produção, mas como uma ferramenta crucial para superar as contradições socioambientais impostas pelo agronegócio, herdeiro direto da estrutura fundiária colonial e concentradora.

O Zine como Ferramenta de Educomunicação

Foi escolhido o papel como suporte, e o formato de zine ou panfleto. Apesar da simplicidade, um zine/panfleto pode ser uma boa ferramenta para iniciar uma conversa educativa sobre um tema. Ele não pode aprofundar as questões que aborda, dado seu tamanho limitado, mas pode trazer tais questões para o foco do debate. Um zine/panfleto é um material de agitação, no sentido leninista do termo, portanto deve buscar sintetizar o máximo o assunto, ressaltando seus pontos principais, de maneira clara e direta. Deve buscar despertar a curiosidade, a indignação e o questionamento no leitor.



Dessa forma, a escolha pelo zine/panfleto como suporte para o material educativo 'Terra Brasil' é coerente com os princípios da educação ambiental crítica e da agroecologia como movimento. Ele se configura como uma ferramenta educacional que busca estabelecer um diálogo acessível e provocador com seu público. Herdeiro da tradição dos movimentos sociais, o zine não tem a ambição de ser um tratado completo, mas sim de ser um catalisador de debates, um instrumento de base para fomentar a organização e uma prática concreta de produção de contra-narrativas que enfrentem o discurso hegemônico do agronegócio. Sua forma simples, de baixo custo e alta replicabilidade, está a serviço do conteúdo político transformador que carrega.

DESENVOLVIMENTO

A primeira etapa da produção do material foi a pesquisa bibliográfica. Para pensar a agroecologia nos termos que mencionamos anteriormente, foram usados como referência autores como Darcy Ribeiro, Ana Maria Primavesi, João Pedro Stedile, Josué de Castro, Vandana Shiva, Donna Haraway, John Bellamy Foster e Antônio Bispo dos Santos.

Paralelamente à pesquisa teórica, foi pensada a concepção e roteirização do material. Foi escolhido o formato de zine, com 8 páginas tamanho A5, pois se considerou que assim haveria espaço suficiente para o desenvolvimento de textos sem que se tornasse excessivo para um primeiro contato com o tema, nem tão pouco que não se pudesse abordar o essencial.

Foi escolhida uma linguagem acessível mas não simplificadora. A diagramação foi pensada para incluir infográficos, imagens e ilustrações, de modo que o texto ficasse arejado e pudesse facilitar uma leitura diagonal.

Optou-se pela seguinte estrutura:

- Capa simples, com imagem relacionada ao tema, título e nome do autor.
- Primeira página com um texto editorial, de caráter mais autoral, apresentando o



contexto para o desenvolvimento seguinte.

- Páginas 2, 3 e 4: apresentação da questão fundiária e agrária no Brasil, diferenciando o agronegócio para exportação da agricultura familiar, e fazendo a ligação com a realidade da nossa região.
- Páginas 5 e 6: introdução à agroecologia como ferramenta para superação das contradições expostas.
- Página 7: conclusão, chamado para a ação e link com referências bibliográficas.

Foi realizada uma ativação do material durante uma oficina de agroecologia feita junto ao SESC Taubaté no âmbito do projeto Salas Verdes, do Ministério do Meio Ambiente, ocorrida nos dias 9 e 12 de setembro de 2025. Durante a oficina, que teve como público alvo professores do ensino fundamental da rede municipal, o zine foi distribuído para os participantes. Na ocasião, o zine foi distribuído ao final da aula teórica do dia 9, complementando e resumindo o que foi apresentado. Na aula prática do dia 12 alguns participantes trouxeram impressões positivas sobre o material, ressaltando a importância de se situar a agroecologia no contexto social e político brasileiro. Alguns participantes também trouxeram perguntas sobre práticas e técnicas agroecológicas descritas no zine.

Embora o zine não tenha sido o foco do encontro, e não tenhamos feito uma leitura conjunta dos textos, considero que ele ajudou a fixar os conhecimentos compartilhados ali, servindo como referência para diversos tópicos abordados durante a oficina.

PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE E DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS

A recepção positiva do zine "Terra Brasil" durante a oficina no SESC Taubaté, especialmente por um público formado por educadores, não representa um ponto final, mas sim a confirmação da viabilidade e da necessidade de se dar continuidade ao trabalho. A semente plantada com essa intervenção inicial pode e deve germinar em ações mais amplas e estruturantes. Com base nessa avaliação, identificam-se algumas perspectivas de continuidade e desdobramentos possíveis, que se alinham diretamente



ao objetivo de contribuir para o Plano de Educação Ambiental do Comitê de Bacia Hidrográfica da Serra da Mantiqueira (CBH-SM).

1- Disponibilizar a versão digital em plataformas acessíveis, como sites do CBH-SM, das prefeituras municipais, de sindicatos rurais e de movimentos sociais da região. A digitalização elimina barreiras de custo de impressão e logística, permitindo que o material circule de forma viral, alcance um público mais jovem e conectado, e seja mais facilmente reproduzido.

2- Desenvolver e ministrar oficinas de curta duração, direcionadas especificamente a professores da rede pública e lideranças comunitárias, com o objetivo de divulgar o zine como ferramenta pedagógica. A mera distribuição do material, embora válida, é insuficiente. Essas oficinas teriam como foco a construção coletiva de planos de aula, sequências didáticas e atividades práticas (como hortas escolares agroecológicas) a partir dos conceitos apresentados no zine, transformando os educadores em multiplicadores críticos do debate.

3- Elaborar uma segunda publicação, de maior fôlego, que aprofunde os dados e as particularidades da Bacia Hidrográfica da Serra da Mantiqueira. Esta cartilha poderia mapear e detalhar os principais conflitos socioambientais da bacia (uso de agrotóxicos, expansão urbana sobre áreas de proteção, disputas pelo uso da água); um catálogo de iniciativas agroecológicas e de agricultura familiar já existentes na região, valorizando e fortalecendo essas experiências; infográficos específicos sobre a qualidade da água e a relação direta entre o modelo agrícola e a conservação dos mananciais. Esta ação deslocaria o debate do plano nacional para a realidade concreta do território, instrumentalizando a população local para a participação qualificada nos fóruns de gestão da bacia hidrográfica.

4- Apresentar o zine "Terra Brasil" e a proposta da cartilha local ao CBH-SM, com a solicitação formal de que sejam incorporados como materiais de referência e apoio em seu Plano de Educação Ambiental. A institucionalização garante a perenidade da ação, transformando um produto de um projeto acadêmico pontual em uma ferramenta de

política pública contínua. O CBH-SM, como instância de gestão participativa, é o fórum ideal para garantir que esse material educativo continue a ser divulgado e utilizado em projetos futuros, alcançando um público amplo e estratégico.

Em conjunto, essas propostas formam um ciclo virtuoso: o zine original funciona como a "isca" para despertar o interesse; as oficinas capacitam os multiplicadores; a cartilha local aprofunda o engajamento no território; e a institucionalização no CBH-SM garante a sustentabilidade da iniciativa. Este desdobramento estratégico potencializa significativamente a contribuição do projeto para a construção de uma cultura de educação ambiental crítica e popular na Serra da Mantiqueira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do zine "Terra Brasil" evidenciou, na prática, que é possível e urgente construir pontes entre o rigor teórico da academia e a linguagem acessível necessária para a mobilização social.

Em primeiro lugar, reafirmou-se a premissa inicial de que a Educação Ambiental crítica não pode ser neutra. Ao optar por um formato de zine – um veículo historicamente ligado à contracultura e à agitação política – e por um conteúdo que desnuda as raízes coloniais e concentradoras do agronegócio, este projeto assumiu um compromisso claro com a transformação social. O sucesso na recepção por professores durante a oficina no SESC Taubaté demonstrou que há, na base da sociedade, um terreno fértil e uma sede por narrativas que confrontem o discurso hegemônico. O material cumpriu, assim, seu papel, não se esgotando em si mesmo, mas funcionando como um disparador de debates e um convite à organização.



Em segundo lugar, a experiência confirmou a potência da tríade ciência, prática e movimento como eixo para compreender a agroecologia. O zine não a apresenta como um simples catálogo de técnicas sustentáveis, mas como um projeto político viável. A fundamentação em autores como Primavesi, Stedile e Foster permitiu que a publicação articulasse, de forma sintética, a crítica à crise ambiental com as alternativas concretas representadas pela agroecologia.

Por fim, o processo vivenciado deixou claro que o maior aprendizado reside na práxis – na união indissociável entre a reflexão e a ação. A intervenção educadora não foi a etapa final do trabalho, mas o ponto de partida para a identificação de desdobramentos estratégicos. As perspectivas de continuidade – da digitalização à institucionalização no CBH-SM – não são meras sugestões, mas desdobramentos necessários para que o conhecimento produzido não se perca e se transforme em ferramenta efetiva de luta pelas comunidades da Serra da Mantiqueira.

Conclui-se, portanto, que a educação ambiental, quando concebida como um ato político e dialógico, é um instrumento poderoso na disputa por projetos de sociedade. Este trabalho não oferece respostas definitivas, mas buscou, de forma humilde e combativa, fazer a pergunta certa: de que lado estamos na luta pela terra, pela água e pelo futuro da nossa bacia hidrográfica? A esperança é que o zine "Terra Brasil" continue ecoando essa pergunta e inspirando ações coletivas em defesa da vida.

REFERÊNCIAS

1. Estrutura fundiária e crítica ao agronegócio

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino.

A Agricultura Camponesa no Brasil.

Modo Capitalista de Produção e Agricultura.



FERNANDES, Bernardo Mancano.

A Formação do MST no Brasil.

Espaços Agrários e a Agroecologia (artigos).

STEDILE, João Pedro (MST).

A Questão Agrária no Brasil (org.).

Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil.

DELGADO, Guilherme.

Capitalismo e Questão Agrária no Brasil.

CPT (Comissão Pastoral da Terra).

Conflitos no Campo Brasil (relatórios anuais).

2. Fome, colonialismo e soberania alimentar

CASTRO, Josué de.

Geografia da Fome.

Homens e Caranguejos.

SHIVA, Vandana.

Monoculturas da Mente.

A Violência da Revolução Verde.

Soberania Alimentar: como proteger nosso alimento?

VIA CAMPESINA.

Declaração de Nyéléni (2007) – Soberania Alimentar.



NICHOLSON, Paul (Via Campesina).

Agroecologia e a Via Campesina (textos e documentos).

3. Agroecologia como alternativa política

PRIMAVESI, Ana Maria.

A Agroecologia: Caminho de Sustentabilidade.

Manejo Ecológico do Solo.

ALTIERI, Miguel.

Agroecologia: Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável.

PETERSEN, Paulo (AS-PTA).

Agroecologia e Transformação Social (artigos).

KNABBEN, Virgínia Mendonça.

Agroecologia e Educação do Campo.

4. Ecologia marxista

FOSTER, John Bellamy.

A Ecologia de Marx.

A Ruptura Metabólica: Ecologia e Acumulação Capitalista.

MARX, Karl.

O Capital (Livro I – Cap. 15; Livro III – Agricultura).

WALLACE, Rob.

Big Farms Make Big Flu: Pandemics and Agribusiness.



PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter.

A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização.

5. Crise climática e abordagens contra hegemônicas

HARAWAY, Donna.

Ficar Com o Problema: Fazer Parentes no Chthulosceno

BISPO DOS SANTOS, Antônio.

A Terra Dá, A Terra Quer

KOLBERT, Elizabeth.

A Sexta Extinção

6. Dados estatísticos e relatórios técnicos

IBGE.

Censo Agropecuário (2017).

MapBiomas.

Relatórios de Cobertura e Uso do Solo no Brasil.

IPCC.

AR6 Synthesis Report (2023).

FAO.

The State of Food Security and Nutrition in the World (2023)



APÊNDICE

Terra Brasil: Agroecologia Para Futuros Possíveis, presente em:

 [TERRA-BRASIL.pdf](#)

